

4 - A HERANÇA PRIMATA:

NATUREZA VERSUS CULTURA

Nosso projeto de pesquisa, do qual o estudo de Otta e Sarra (1990) é uma parte, tem por objetivo analisar o sorriso e o riso numa perspectiva ontogenética. Pretendemos observar outros grupos de crianças de 4-5 anos, para verificar a generalidade dos resultados obtidos, especialmente o padrão de correlações entre formas de expressões e a distribuição das expressões em função de sexo. Em seguida, pretendemos observar grupos de crianças menores, com idade em torno de dois anos, para fins de comparação. A partir de um estudo de Cheyne (1976), esperamos encontrar pouca segregação sexual na distribuição das expressões na faixa etária menor. Este autor relata, ainda, aumento do sorriso superior, mas não dos sorrisos fechado e largo, de 2-3 anos para 4-5 anos. Bainum et al. (1984), por sua vez, relatam aumento do riso na mesma faixa etária e decréscimo do sorriso, sem discriminar tipos. Há, portanto, uma discrepância a ser verificada.

O sorriso é inato ou aprendido? Este capítulo trata desta questão. A sua presença universal, em diferentes culturas, sugere que estamos diante de uma adaptação filogenética.

Analisando o seu desenvolvimento, verificamos que aparece no recém-nascido como um padrão completo.

Não precisa ser modelado gradualmente, por reforçamento diferencial, até ser reconhecido como um padrão completo. As expressões faciais de emoções exibidas por crianças cegas são menos refinadas que as de crianças com visão normal. No entanto, são suficientemente desenvolvidas para que possamos reconhecer as expressões básicas. Crianças com

deficiências mentais graves, que não conseguem aprender habilidades simples, como amarrar um sapato ou comer com uma colher, sorriem, riem, choram e exibem crises completas de birra. Finalmente, podemos identificar nos primatas não-humanos, especialmente nos chimpanzés, que são mais próximos do homem, expressões

semelhantes ao sorriso e ao riso. Todas estas evidências nos levam a concluir que o sorriso é inato. No entanto, embora o padrão básico não seja aprendido, é burilado pela experiência. Há culturas demonstrativas. Brasileiros, japoneses e nativos da Nova Guiné expressam as emoções básicas com as mesmas expressões faciais, mas as regras de exibição que determinam quando, como e com relação a quem uma expressão emocional deve ser exibida podem variar de cultura para cultura.

O homem possui um repertório universal de movimentos expressivos que permite a comunicação, a despeito de barreiras culturais e lingüísticas. Os movimentos expressivos estão associados a estados emocionais: alegria, tristeza, surpresa, raiva, medo e nojo. Através da sua exibição os outros são capazes de inferir a emoção sentida por uma pessoa e o seu comportamento futuro.

O estudo dos movimentos expressivos remonta a Darwin (1872), que, no seu livro *A expressão das emoções no homem e nos animais*, desenvolveu a idéia de que o processo evolutivo aplica-se não só a estruturas orgânicas, mas também à expressão de emoções. Considerava a expressão de emoções essencial para a vida das espécies que vivem em grupo, na medida em que essas expressões comunicam como o indivíduo, seja ele homem ou animal, se sente, e contribuem para a regulação das interações sociais. Seguindo essa perspectiva, a expressão facial evoluiu, assim como outras exibições, para comunicar o comportamento futuro provável do indivíduo que a executa. A maior parte do sistema de comunicação parece voltada para a organização do comportamento social, manutenção do grupo, reprodução e cuidado de filhotes.

Entre os movimentos expressivos que Darwin arrolou como inatos estão o sorriso e o riso. Apoiou sua afirmação em casos de pessoas cegas de nascença, que não poderiam aprender estas expressões por imitação. Uma outra evidência apontada é a sua presença universal no homem.

Existe um vasto arquivo de filmes etnológicos, mostrando atividades culturais humanas, tais como fabricação de cerâmicas e de armas, culinária, danças e rituais religiosos. O comportamento espontâneo, no entanto, está muito menos documentado. Há apenas registros esparsos sobre como pessoas de diferentes partes do mundo se cumprimentam, brincam, flertam e cuidam dos filhos.

Começam a ser produzidos filmes, utilizando uma técnica engenhosa, que garante a espontaneidade do registro. Pessoas são filmadas, sem que percebam, através de uma câmera que tem uma lente falsa na frente e uma lente verdadeira numa das laterais. Os documentos obtidos com esta técnica mostram que é surpreendente o número de ações comuns, inclusive nas suas minúcias, em diferentes regiões da terra (Eibl-Eibesfeldt, 1970 a,b, 1973, 1989; Morris, 1977):

- Quando se cumprimentam à distância, as pessoas sorriem e acenam com a cabeça. Se forem especialmente cordiais, levantam rapidamente as sobrancelhas (Figura 4.1).

- O levantamento rápido de sobrancelhas é observado também durante o flerte, mas, nesta situação, as mulheres exibem um abaixamento envergonhado dos olhos, podendo também cobrir a boca com a mão. Observa-se uma sequência ritualizada de busca e de esquivas de contato. Numa sequência típica, a mulher estabelece contato visual, sorri ou ri para o par-

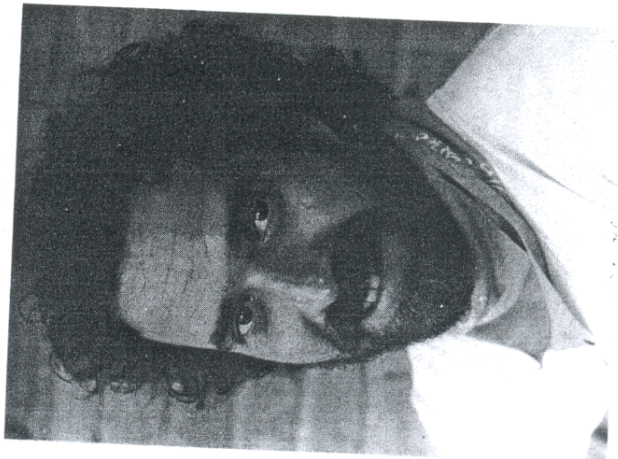
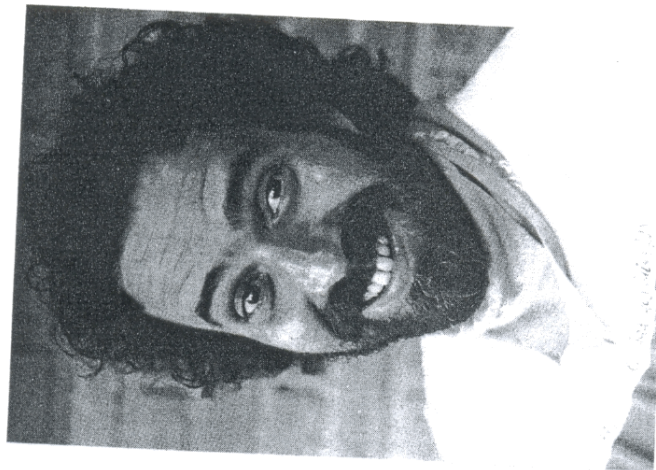
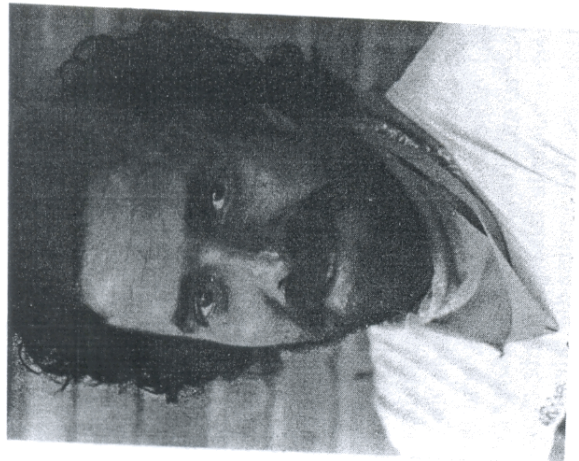


Figura 4.1 O sorriso acompanhado por levantamento das sobrancelhas faz parte de um ritual de cumprimento. (Fotografias de João Carlos Otta)

ceiro, abaixa envergonhadamente a cabeça e, depois, olha novamente para o parceiro (Figura 4.2). Meni-

nas fazendo charme exibem um padrão muito semelhante (Figura 4.3).

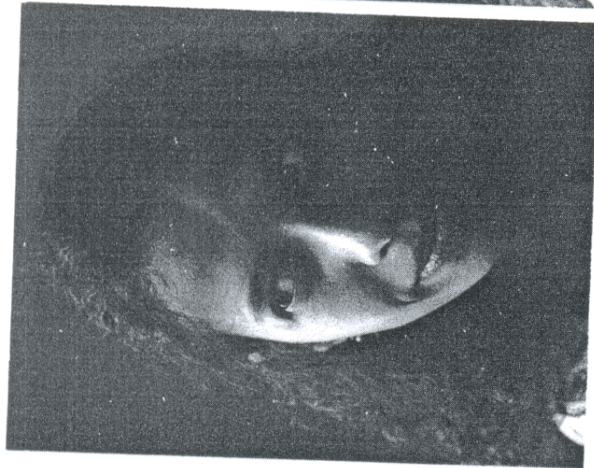


Figura 4.2 No flerte, o sorriso aparece como parte de uma sequência ritualizada de busca e de esquiva de contato. (Fotografias de João Carlos Otta)

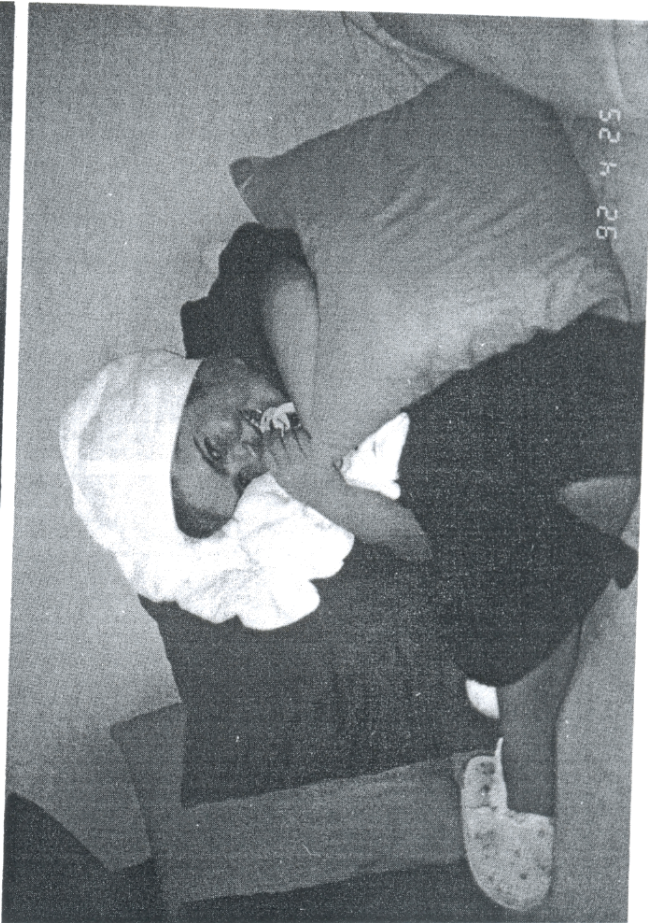


Figura 4.3 Menina sorri, fazendo charme. Na segunda fotografia, oculta parcialmente o sorriso e chupeta com uma das mãos. Seu comportamento ilustra ambivalência entre a busca e a esquiva contato.

- Quando um nome quer impressionar tenta aumentar o seu tamanho. Suas expressões faciais variam com a oscilação entre os impulsos de ataque e de fuga. Quando predomina o impulso de ataque, a cabeça é impelida para frente, o cenho apresenta-se franzido, a pele pálida e a boca firmemente comprimida. Quando aumenta o impulso de fuga, a boca se abre e os dentes são expostos, o pescoço recua e a pele apresenta-se avermelhada.

- As manifestações de submissão envolvem ações que diminuem o tamanho do corpo, numa clara antitese à ameaça. Tem a função de reduzir a hostilidade de um parceiro dominante. Comportamento infantil e desprotegido também tem uma função apaziguadora.

A questão da universalidade dos movimentos expressivos tem sido abordada descritivamente e também experimentalmente. Num estudo experimental, fotografias de americanos, tanto crianças como adultos, posando várias expressões faciais de emoções, foram apresentadas a estudantes universitários de cinco países (Brasil, Chile, Argentina, Estados Unidos e Japão). Foi-lhes pedido que interpretassem as emoções exibidas. Chama atenção o alto grau de acordo entre os juízes, embora a interpretação de algumas emoções fosse mais acurada que de outras (Figura 4.4). O índice mais alto de acordo foi encontrado para alegria (entre 90% e 97%) e os mais baixos, para raiva (entre 63% e 82%) e medo (entre 68% e 88%). É interessante no-

tar que os juízes concordaram não só quanto à emoção exibida, mas também quanto à sua intensidade (Ekman, 1975).

Uma crítica que pode ser feita a este estudo é que a alta concordância entre os juízes deveu-se ao fato deles pertencerem a culturas letradas, expostos a meios de comunicação de massas, especialmente cinema e televisão. Poderia não ser a evolução e sim a observação do rosto de Jack Nicholson a responsável pelo reconhecimento aparentemente universal da expressão facial. Para demonstrar conclusivamente que as expressões faciais transcendem a cultura, seria preciso mostrar que povos não-letrados, sem contato com ocidentais, as interpretam da mesma maneira. Foi feita uma pesquisa, mostrando a nativos isolados da Nova Guiné fotografias de homens e mulheres americanos, exibindo expressões faciais de emoções. Lia-se uma história e pedia-se que selecionassem a face que melhor se ajustasse à situação relatada. Por exemplo:

Ela está sozinha em casa e não há ninguém na vila. Não há nenhuma faca, machado, nem arco e flecha em casa. Um porco do mato está parado na porta da casa. A mulher está olhando para ele com muito medo ... o porco do mato não sai da porta e ela tem medo de ser mordida.

Os nativos apresentaram alto grau de acerto na identificação da maioria das expressões emocionais (Figura 4.5). Alegria foi a emoção identificada com maior facilidade (92% de acerto). A única emoção em que discordaram dos ocidentais foi medo, que não con-

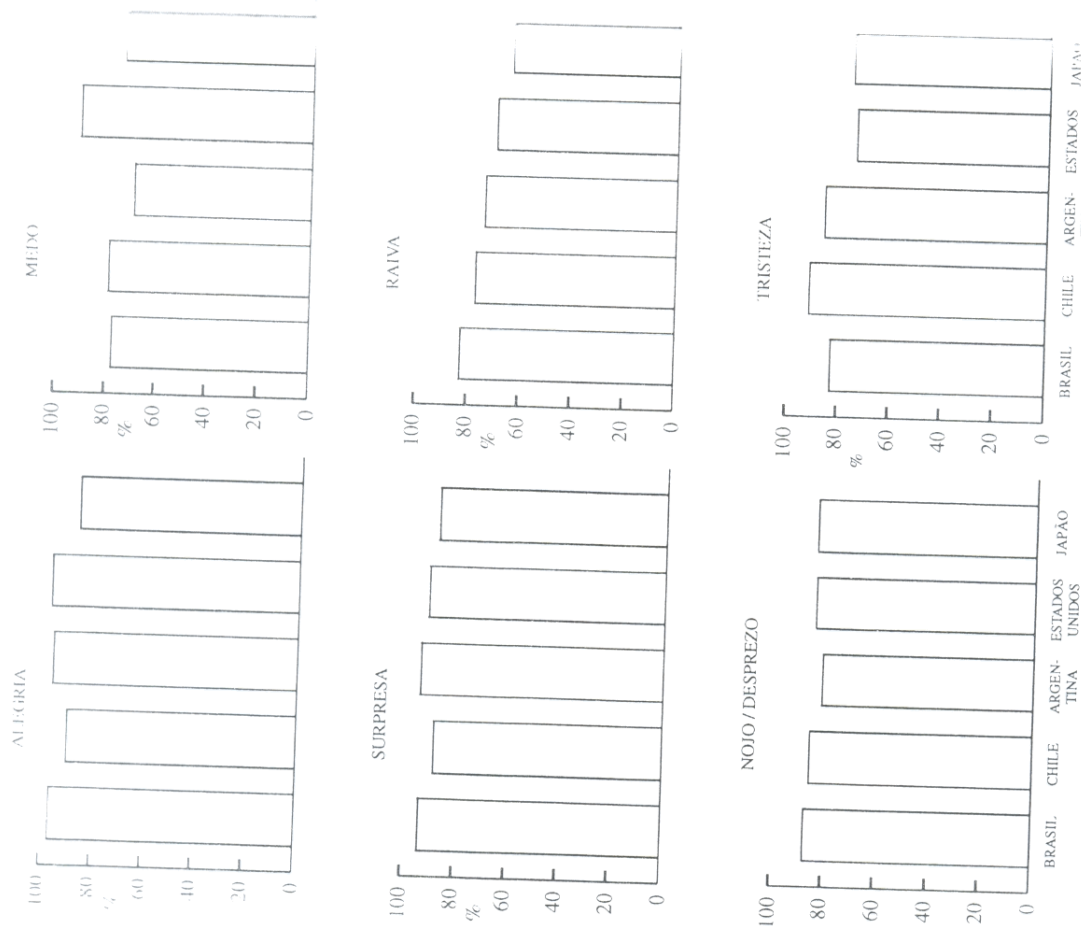


Figura 4.4 Porcentagem de pessoas em cada cultura que identificaram corretamente as expressões faciais que lhes foram apresentadas. (Fonte: Ekman, 1975)

seguiram diferenciar de surpresa, talvez porque no seu ambiente os eventos inesperados também tendam a ser surpreendentes (Ekman et al., 1969; Ekman e Friesen, 1971). Os nativos também foram solicitados a posar expressões faciais que julgassem apropriadas a várias situações, tais como: "Um amigo seu chegou e você está muito contente", "Seu filho morreu", "Você está com raiva, pronto

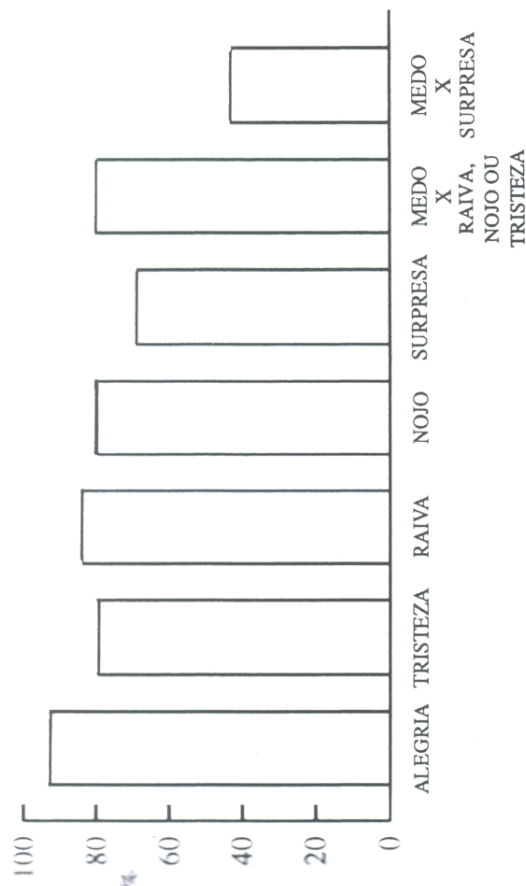


Figura 4.5 Porcentagem de identificação correta de expressões faciais de emoções, exibidas por americanos, entre nativos isolados da Nova Guiné. (Fonte: Ekman, 1975)

para brigar", "Você encontrou um porco morto há vários dias". Vídeos de suas expressões foram apresentados a estudantes universitários americanos, que não tiveram qualquer problema em reconhecer as expressões de alegria, de tristeza, de raiva e de nojo (Ekman, 1973, 1975).

enrugamento da pele na parte superior do nariz, fechamento dos olhos e, frequentemente, balanceio lateral da cabeça. O amargo produz abaixamento dos cantos da boca, fechamento dos olhos e protrusão da língua, aparentemente um protótipo da reação de nojo (Steiner, 1974; Bergamasco, 1988, 1990, 1992).

Analisando o desenvolvimento do sorriso, verificamos que ele já aparece no recém-nascido como um padrão completo, sem precisar ser modelado gradualmente, por reforçamento diferencial, até ser reconhecido. A comparação do comportamento expressivo de gêmeos idênticos e fraternos também sugere que a hereditariedade desempenha um papel no desenvolvimento do comportamento expressivo. Verificou-se que a idade em que o sorriso social apareceu pela primeira vez, e a frequência de sua exibição no primeiro ano de vida, foram mais pró-

Comportamento de bebês e de crianças pequenas

A semelhança na reação expressiva de bebês e de crianças pequenas, em diferentes culturas, também sugere que estamos diante de adaptações filogenéticas. Recém-nascidos reagem com expressões faciais típicas, semelhantes às exibidas por adultos, a gostos doces, azedos e amargos. O gosto doce provoca relaxamento facial, sorriso e movimentos de lamber e sugar. O azedo elicia protrusão dos lábios,

ximas em pares de gêmeos idênticos que em pares de gêmeos fraternos (Bowlby, 1969; Freedman e Keller, 1963; Freedman, 1965).

Durante os dois primeiros meses de vida aproximadamente, o sorriso de bebês criados por suas famílias ou em instituições desenvolve-se de forma muito semelhante. No entanto, ao longo do primeiro ano de vida, a expressividade da criança institucionalizada diminui, como resultado da falta de estimulação social amistosa. A instalação inicial do comportamento expressivo independe de aprendizagem, mas o seu curso posterior depende e muito de aprendizagem (Ambrose, 1961; Gewirtz, 1961, 1965).

O estudo do comportamento expressivo de crianças com deficiências sensoriais e mentais também é importante para a discussão da questão natureza versus cultura. Crianças cegas e surdas vivem num mundo de escuridão e silêncio eternos. Suas expressões faciais certamente são menos refinadas que as das crianças normais. No entanto, são suficientemente desenvolvidas, para que possamos reconhecer as expressões básicas (Figura 4.6). Sorriem quando são acariciadas, riem quando as carícias dão lugar a cócegas, choram quando se cortam, franzem os cenhos, cerram os punhos e batem os pés quando ficam com raiva (Eibl-Eibesfeldt, 1970, 1973, 1989).

Bebês cegos, com dois meses e meio, sorriem quando a mãe fala com



Figura 4.6 Duas crianças cegas sorrindo. A expressão básica é equivalente à de crianças com visão normal. (Fotografias de João Carlos Otta)

eles e, ao mesmo tempo, fixam a fonte sonora com os olhos, apesar de não conseguirem ver. Os movimentos não-tagmáticos, típicos dos cegos, cessam neste momento (Freedman, 1964).

Seqüências expressivas completas são exibidas por crianças cegas. Em uma menina de 11 anos, que tocava bem piano, um elogio desencadeou o padrão típico de acanhamento e fa-

ceirice, com enrubescimento, abaixamento e desvio da cabeça. Em ambivalência sucessiva, a menina dirigia os olhos à pessoa que a elogiou e, em seguida, abaixava a cabeça novamente.

Durante crises nervosas, um menino de 14 anos cego e surdo mordida a professora, embora normalmente se desse bem com ela. Depois disto, mostrava sinais de arrependimento: sentava-se com os ombros caídos, chupando o polegar, e estendia uma das mãos à procura de contato. Se o contato fosse aceito, ria e voltava novamente às boas (Eibl-Eibesfeldt, 1973).

Crianças com deficiências mentais graves não conseguem aprender habilidades simples, como amarrar um sapato ou comer com uma colher, mas sorriem, riem, choram e exibem crises completas de birra.

Antonieta Castanho, pesquisadora do Departamento de Psicologia Experimental da USP, realizou um trabalho, em conjunto com um grupo de orientandos, comparando sistematicamente expressões faciais de emoções básicas de crianças, entre sete e dez anos, com deficiência visual e com visão normal. Foram utilizados dois tipos de procedimentos: de indução e de produção. O primeiro procedimento consistiu na indução de um estado de alegria, através da apresentação de uma história infantil cômica. Após a história, pedia-se às crianças que reproduzisse as expressões básicas de emoções. As instruções eram as seguintes:

* Participaram deste trabalho Fábio Leyser Gonçalves, Frederico Dentello, Ludmila Hashimoto Barros e Mariana Lebrão Lisboa.

"Agora façam de conta que vocês são atores de uma novela. Geralmente os atores decoram suas falas e têm que demonstrar sentimentos na face e na voz, para parecer bem naturais. Para isto, eles se lembram de coisas engraçadas, tristes, assustadoras e assim por diante, na gravação de cada capítulo da novela. É o que vocês farão agora.

Vamos nos lembrar de coisas alegres. Por exemplo, quando vocês ganham um presente superlegal, vocês ficam muito alegres. Como é que vocês demonstram que estão muito alegres no rosto? Tentem fazer uma cara alegre.

Vocês conhecem gente metida, que acha que é melhor que os outros. Lembrem-se delas, do jeito que elas falam e experimentem fazer uma cara igualzinha à que vocês acham que estas pessoas fazem quando elas dão uma de bacana.

Agora é nojento. Imaginem um cheiro bem fedido, uma coisa meaquenta, mole e escorregadia em que vocês sem querer pisaram ou puseram a mão. Ou então uma cuspidinha, ou que alguém espirrou em cima de vocês. Qual é a cara de nojo que vocês fazem? ..."

(Castanho et al., 1992, p. 9)

No total, pediu-se às crianças para que produzissem sete emoções básicas: surpresa, alegria, tristeza, raiva, desprezo, nojo e medo (Ekman e Friesen, 1975, 1986). As sessões foram

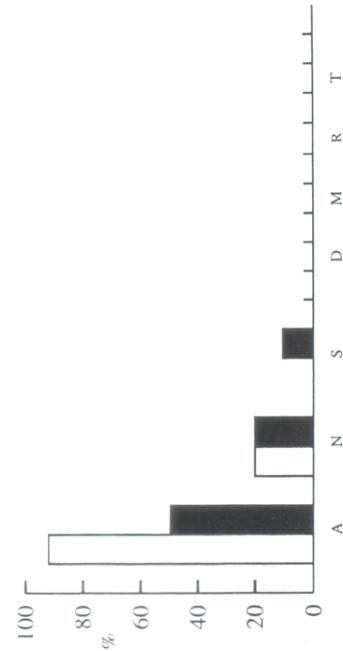


Figura 4.7 Porcentagem de crianças com visão normal (coluna escura) e com deficiência visual (coluna clara) que apresentaram as expressões faciais de alegria (A), nojo (N), surpresa (S), desprezo (D), medo (M), raiva (R) e tristeza (T), no procedimento de indução de alegria. (Fonte: Castanho et al., 1992)

filmadas e posteriormente avaliadas por juízes.

Diante da estória cômica, a maioria das crianças exibiu expressões de alegria, embora algumas tenham exibido nojo e surpresa (Figura 4.7). O tema da estória era "Mãe com medo de lagartixa". O animal pode ter evocado reações de nojo, embora o tom predominante fosse de humor. Embora o padrão geral de resultados tenha sido semelhante para as crianças com visão normal e com deficiência visual, houve uma tendência no sentido de as crianças com visão normal exibirem mais expressões de alegria.

Este resultado pode ser explicado pela interação visual com os pesquisadores e com o parceiro, uma vez que as crianças eram testadas em duplas, somada à alegria induzida pela estória.

No procedimento de produção, não houve diferença significativa no

total de crianças que apresentou cada expressão de emoção, comparando-se o grupo de crianças cegas com aquele de crianças com deficiência visual (Figura 4.8). Isto fica especialmente claro em relação à alegria, que foi exibida por todas.

No entanto, houve uma tendência à diferença, considerando-se o conjunto das emoções. As crianças com visão normal saíram-se algo melhor que as deficientes-visuais na exibição de tristeza, nojo, surpresa, desprezo e medo. Considerando-se arbitrariamente como boa expressora a criança que tenha conseguido exibir no mínimo quatro emoções, o grupo com visão normal contou com 70% de boas expressoras e o grupo com deficiência visual, com 40%.

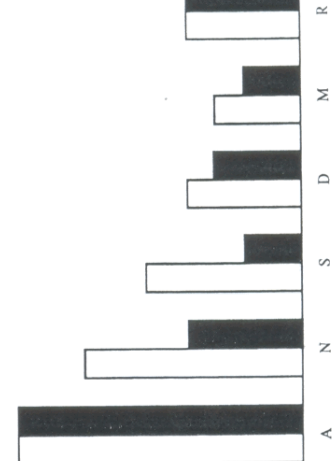


Figura 4.8 Porcentagem de crianças com visão normal (coluna escura) e com deficiência visual (coluna clara) que apresentaram as expressões faciais de alegria (A), nojo (N), surpresa (S), desprezo (D), medo (M), raiva (R) e tristeza (T), no procedimento de produção. (Fonte: Castanho et al., 1992)

Precursos filogenéticos do sorriso e do riso

As evidências até aqui indicam que o sorriso é universal e que a expressão básica não é aprendida, embora seja burilada com a experiência. Isto nos leva a uma outra pergunta. Podemos identificar expressões faciais de primatas que se assemelhem ao nosso sorriso?

Chama atenção a semelhança entre o sorriso humano e a *exibição com exposição silenciosa dos dentes*, uma careta exibida por macacos e grandes símios (Figura 4.9). Esta caracteriza-se por boca fechada ou apenas ligeiramente aberta, exposição dos dentes e da gengiva e olhos dirigidos diretamente ou obliquamente ao parceiro de interação. A expressão está associada à inibição dos movimentos corporais.

A semelhança entre o nosso riso e a *exibição com boca aberta relaxada ou cara de brincadeira* dos primatas também é destacável. A careta caracteriza-se por boca bem aberta e dentes cobertos em sua maior parte pelos lábios. Muitas vezes é acompanhada por respiração rápida. Em algumas espécies, como o chimpanzé, é acompanhada por vocalizações, que soam como "ahh, ahh, ahh". A expressão está associada à mobilidade corporal (van Hoof, 1972; Abreu e Otta, 1991; Otta, 1986).

Os dois tipos de caretas são exibidos em contextos motivacionais distintos. A primeira funciona como um gesto de apaziguamento, apresentado em situações de ameaça, em que há também uma tendência à fuga, cuja manifestação é de algum modo bloqueada. Por exemplo, o animal está encurralado ou

há outros fatores (como a tendência para ficar junto dos filhotes) inibindo a fuga. A exibição algumas vezes também é apresentada por um animal dominante em relação a um subordinado. O contexto indica que funciona como um gesto de reassuramento. Neste caso, esta careta assemelha-se, funcionalmente, a outros gestos de reassuramento, como "dar palmadinhas" em chimpanzés. O dominante estende a mão e dá palmadinhas no corpo do subordinado, de uma forma parecida com o que uma mãe faz com o seu filhote.

"Um macho adolescente (Pepe) aproximou-se de um adulto (Golias), que estava comendo de uma pilha grande de bananas. Pepe não pegou imediatamente uma fruta, mas agachou-se, choramingando e gritando, olhando ao mesmo tempo para Golias e estendendo a mão em direção a ele. Depois de algum tempo, Golias estendeu a mão e começou a dar palmadinhas na sua mão e na sua cabeça. Depois disto, Pepe estendeu a mão lentamente em direção a uma banana, mas no último momento recuou e começou a gritar de novo. Finalmente, o adolescente parou de gritar, e, observando cuidadosamente o

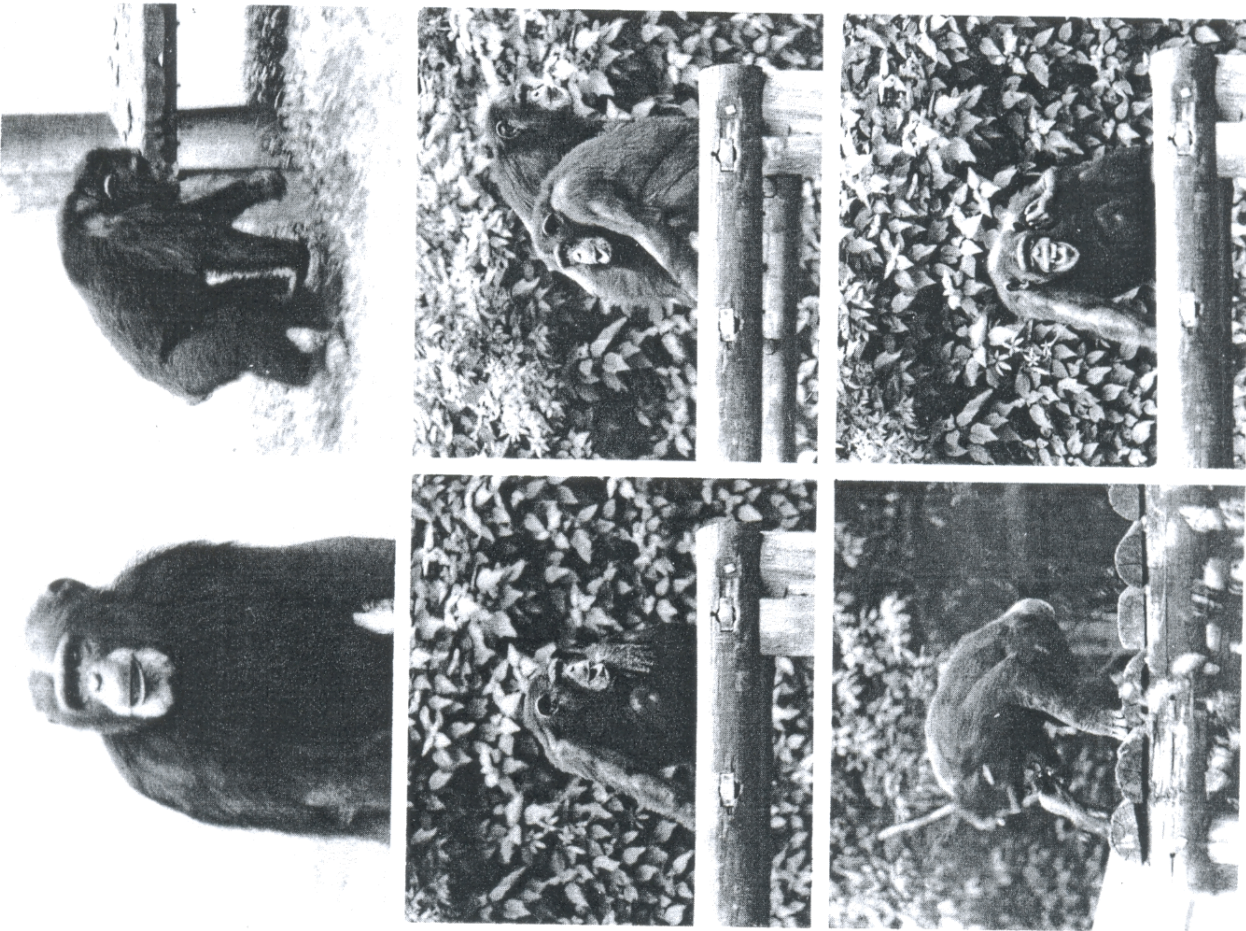


Figura 4.9 Os chimpanzés possuem uma rica variedade de expressões faciais e de posturas, que refletem alterações em estado interno dos animais e sinalizam para os outros intenções de ações futuras. A expressão no alto à esquerda lembra o sorriso humano. (Fotografias tiradas por Luciane Bizari Coin de Carvalho no Zoológico de São Paulo)

macho grande, coletou algumas frutas e afastou-se com elas”.

(van Lawick-Goodall, 1968, p. 336)

A vida em grupo parece necessariamente acarretar tensão. Existem mecanismos correspondentes para redução de tensão. Dar palmadinhas e a exibição com exposição silenciosa dos dentes parecem ser alguns destes mecanismos, em primatas não-humanos.

A exibição com boca aberta relaxada ou cara de brincadeira acompanha tipicamente as perseguições e as lutas simuladas, que caracterizam a brincadeira social em macaquinhos jovens. Também é facilmente provocada por cócegas, no chimpanzé. Parece funcionar como um sinal de meta-comunicação, indicando que o comportamento em curso não deve ser levado a sério, mas deve ser interpretado como simulação (Bateson, 1955; Kats e Otta, 1991; Odália, 1992; Otta e Bizari, 1990).

Padrões semelhantes à brincadeira social de macaquinhos jovens caracterizam a brincadeira turbulenta ou de luta das crianças humanas. É uma forma de brincadeira que se assemelha à agressão, envolvendo: perseguições, rasteiras, pontapés, empurrões e engalfinhamento. No entanto, o objetivo não é machucar o parceiro. A dominância é temporariamente colocada fora de ação. Isto se vê entre parceiros equilibrados

quanto à força física, mas especialmente quando os parceiros são desiguais. Uma criança maior que brinca com uma menor corre menos do que é capaz de fato, e reduz a força dos seus golpes. O pai que brinca com o filho pequeno torna-se, por alguns momen-

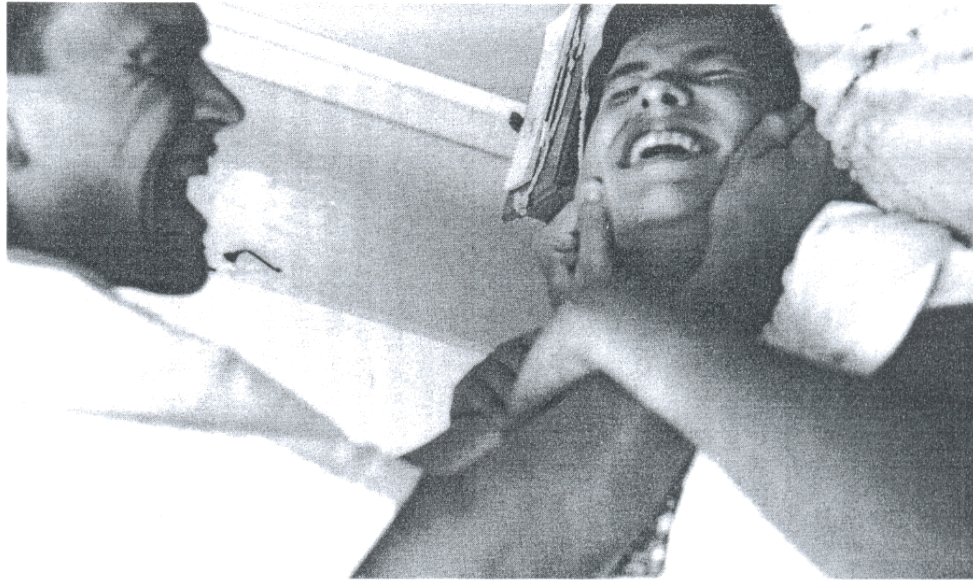


Figura 4.10 O sorriso e o riso funcionam como sinais de meta-comunicação, indicando que o comportamento em curso é lúdico e não agressivo. (Fotografias de Charles Chadel)

tos, o subjugado sobre o qual o pequeno tirano senta e pula. Risos frequentes revelam que as intenções dos parceiros são lúdicas e não belicosas (Figura 4.10). Servem como sinais de meta-comunicação, indicando a natureza não agressiva da brincadeira turbulenta (Loizos, 1967; Blurton Jones, 1972; Dunker, 1990; Smith et al., 1992).

Esta análise ilustra a aplicação do método comparativo, na busca de possíveis homologias ou precursores filogenéticos do sorriso e do riso. A exibição de boca aberta relaxada ou cara de brincadeira dos primatas não humanos e o riso humano apresentam semelhanças, na forma e no contexto motivacional em que ocorrem. Diferentemente do riso, o sorriso parece conter um elemento de apaziguamento.

Um experimento interessante ilustra a transmissão de informação em macacos através da face. Trata-se de um estudo sobre condicionamento de esquiva realizado com macacos rhesus. Os animais foram treinados individualmente a evitar choque, pressionando uma barra toda vez que aparecia um estímulo luminoso. Quando não o faziam, recebiam choque. Seguiram-se, então, testes de comunicação emocional, utilizando um modelo de condicionamento cooperativo. Um animal via, através de uma câmera de TV, a face de outro. Tinha acesso ao *manipulandum*, mas não ao estímulo sinalizador de choque. O animal cuja face aparecia na câmera de TV não tinha acesso ao *manipulandum*, mas via o estímulo sinalizador de choque. O primeiro tinha, portanto, que usar a expressão facial do segundo para responder, salvando ambos do

choque. Uma alta taxa de eficiência de esquiva foi encontrada nessa situação, pois os macacos se revelaram bons juizes da expressão facial de outros, usando-as como dicas para antecipar a ocorrência de um estímulo aversivo (Miller, 1967).

No estudo descrito acima, o autor prendeu-se à demonstração da transmissão de informações através da face em macacos. Infelizmente, não se interessou em analisar qualitativamente as expressões faciais exibidas que tinham valor informativo. Seria interessante determinar se os macacos exibem a careta com exposição silenciosa dos dentes, para sinalizar a ocorrência de uma estimulação aversiva para os parceiros.

De qualquer modo, outros aspectos deste estudo são informativos para a nossa discussão da questão natureza versus cultura. Comparou-se o comportamento de animais criados em isolamento e em condições normais, na situação de condicionamento cooperativo. Os animais criados em isolamento transmitiram medo, mas não tão bem quanto os normais, indicando que nenhuma experiência particular de socialização é essencial para a manifestação de medo, mas que esta pode aumentar a eficácia da expressão na comunicação (Chevalier-Skolnikoff, 1973).

O que se acha é que comportamentos de comunicação aparecem em relação a estados emocionais particulares, na ausência de experiência social, mas que sua ligação com estímulos elicitores específicos, sua relevância contextual e sua eficácia em controlar e coordenar o comportamento social são fortemente dependentes de experiência.

Animais que se conhecem bem também se comunicam bem. Colocou-

se na situação de condicionamento cooperativo uma fêmea rhesus, seu filho de 18 meses, que havia sido criado apenas em contato com ela, e um animal jovem estranho. O índice de sucesso na comunicação da mãe com o filho foi 90%, do estranho com a mãe, 50%, e do estranho com o filhote, 30%. A experiência pessoal entre animais particulares aumenta a capacidade de comunicação.

O quadro que parece se delinear é que a experiência de socialização não é essencial para um macaco reconhecer algumas expressões faciais, mas pode ser para reconhecer outras. O uso no contexto apropriado e na coordenação de interações sociais é altamente dependente de uma experiência normal de socialização.

Influência do ambiente

Em 1872, Charles Darwin afirmou que as expressões faciais humanas são universais. Desde esta época, autores renomados têm discordado dele, afirmando que as expressões faciais de emoções, como qualquer outra linguagem, são fruto exclusivo da cultura (Birdwhistell, 1970).

A dicotomia inato versus aprendido tem gerado muita polêmica estéril em Psicologia. De fato, qualquer comportamento, incluindo as expressões faciais, é sempre fruto de uma interação complexa entre o organismo e o seu ambiente. O que se tem de perguntar é que fatores herdados e que fatores experienciais são determinantes de expressões faciais, e através de que mecanismos produzem o comportamento, em vez de perguntar se um comportamento é inato ou aprendido.

O curso de desenvolvimento do sorriso foi analisado em diferentes ambientes. Em Israel, foi realizado um estudo que comparou o comportamento expressivo de bebês em quatro ambientes, durante os primeiros 18 meses de vida:

a) *creche, em que os bebês passavam aproximadamente nove horas por dia, seis dias por semana, aos cuidados de pais. Recebiam todas as suas refeições na creche. No final do dia, eram levados para casa pelos pais;*

b) *instituição, em que os bebês viviam praticamente sem contato com os pais. Mesmo os que não eram órfãos quase não recebiam visitas. Os adultos que cuidavam das crianças mudavam, o que não possibilitava a formação de apego com uma figura principal;*

c) *família, com valores e estilo de vida de classe média. As mães não trabalhavam fora, ficando o dia todo com os filhos. Os pais tinham contato com eles no final do dia e no final da semana;*

d) *kibbutz, uma unidade rural, em que as pessoas estavam ideologicamente comprometidas com um estilo de vida coletivo, com poucas propriedades pessoais e a criação coletiva das crianças. Estas viviam nas casas das crianças, em grupos de quatro ou cinco, aos cuidados da 'metapelet'. As crianças eram amamentadas e alimentadas pelas mães, recebendo visitas frequentes dos pais. Embora tivessem o seu*

'canto' na casa dos pais, dormiam na casa das crianças.

Uma estranha aproximava-se de um bebê, com a face neutra, e verificava sua reação, durante um período de dois minutos. De um a cinco meses, observou-se aumento na frequência de sorrisos dirigidos à estranha, com os bebês criados em famílias e em kibbutz respondendo mais que os institucionalizados. O pico de respostas ocorreu antes nos bebês criados em famílias e em kibbutz (4 meses) que nos institucionalizados (5 meses). De cinco a 18 meses, a frequência de respostas diminuiu para todos os ambientes, mas a diminuição foi muito menos acentuada para a família que para os outros ambientes. Como mostra a Figura 4.11, com 16-18 meses, os bebês criados em famílias sor-

riam muito mais que aqueles criados em creches ou em instituições, com os criados em kibbutz colocando-se numa posição intermediária (Gewirtz, 1965).

Supõe-se que a diferença encontrada entre os vários ambientes, na expressividade dos bebês, esteja relacionada a diferenças na disponibilidade de estímulos evocadores de sorriso e de estímulos reforçadores. Existem demonstrações de que o bebê torna-se mais expressivo, se o seu comportamento for correspondido de modo caloroso e sociável. Foi feito um expe-

rimento com oito bebês de 3-4 meses, em que uma mulher estranha apresentava seu rosto e, todas as vezes que o bebê sorria, lhe dirigia palavras carinhosas, pegava-o no colo e o acariciava. Nestas condições, todos os bebês tornaram-se muito sorridentes. Inversamente, quando ela deixou de responder, a taxa de sorriso diminuiu gradualmente e acabou por extinguir-se (Brackbill, 1958).

A psicóloga Paula Gomide (com. pessoal), do Departamento de Psicologia Experimental da Universidade Federal do Paraná, investigou a expressividade de crianças de 9-12 anos criadas em diferentes ambientes: a) numa instituição considerada modelo no atendimento de menores carentes, em Curitiba, onde os menores viviam

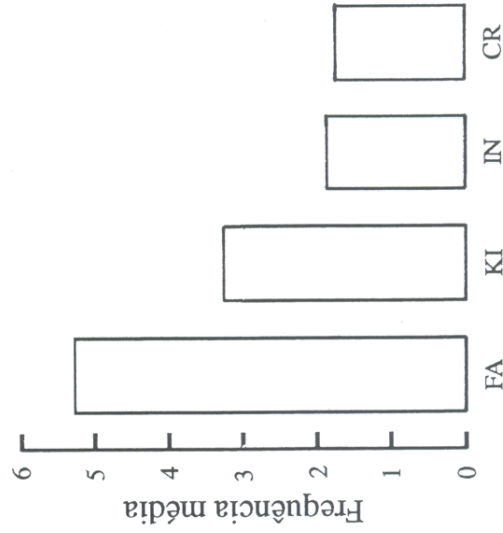


Figura 4.11 Frequência média de sorrisos dirigidos por bebês criados em famílias (FA), kibbutz (KI), instituição (IN) e creche (CR) a uma estranha, com a face neutra, num período de dois minutos. (Fonte: Gewirtz, 1965)

sem contato com os pais, em regime de internato; b) na Favela do Pinto, onde crianças de mesma classe social viviam com suas famílias; c) em famílias de classe média. Todas as crianças foram observadas, nos seus respectivos ambientes, em situações de recreação livre. Verificou-se que a frequência de sorriso foi a mesma, tanto para as provenientes de famílias de classe média, quanto para as faveladas. Para as institucionalizadas, no entanto, o sorriso apareceu muito menos. Assim, conclui-se que, a despeito da instituição ser considerada modelo, seu trabalho resultou num amortecimento da expressividade das crianças.

Culturas reservadas e culturas demonstrativas

Além das características dos ambientes particulares de criação, é preciso considerar o ambiente mais amplo da cultura em que o indivíduo está inserido. Todos os seres humanos partilham o mesmo programa neural, que liga os músculos da face a emoções particulares. No entanto, eventos específicos que ativam a emoção e as regras que controlam sua exibição são aprendidos e variáveis de cultura para cultura. Existem diferenças importantes no grau de amortecimento da expressividade facial. Em algumas culturas, é habitual disfarçar o sorriso, mesmo quando a pessoa está genuinamente feliz. Um membro de uma cultura de tipo demonstrativo pode sentir-se pouco à vontade, quando interage com um

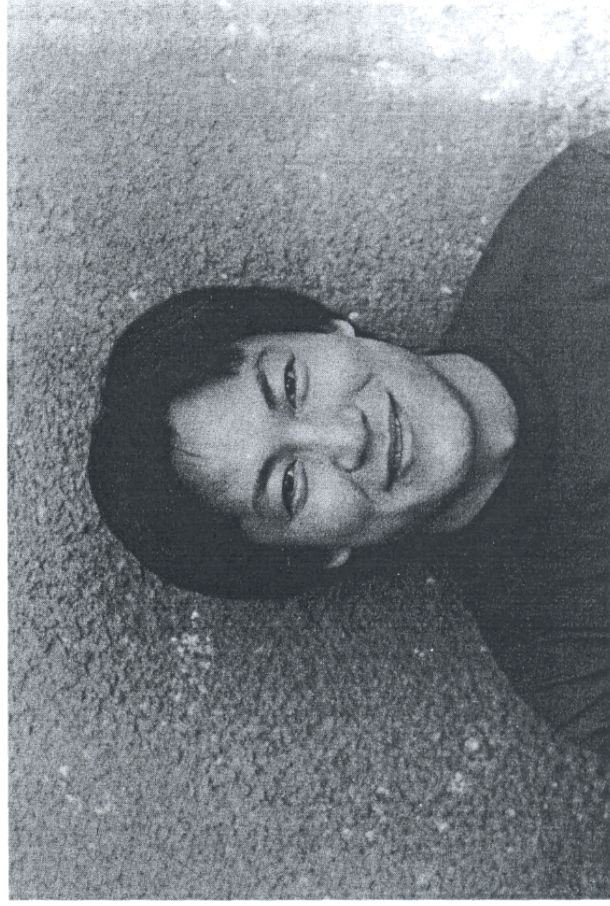


Figura 4.12 O sorriso pode refletir alegria, mas pode também refletir a ação de regras de exibição. Existem diferenças entre culturas nas regras de exibição. (Fotografia de João Carlos Otta)

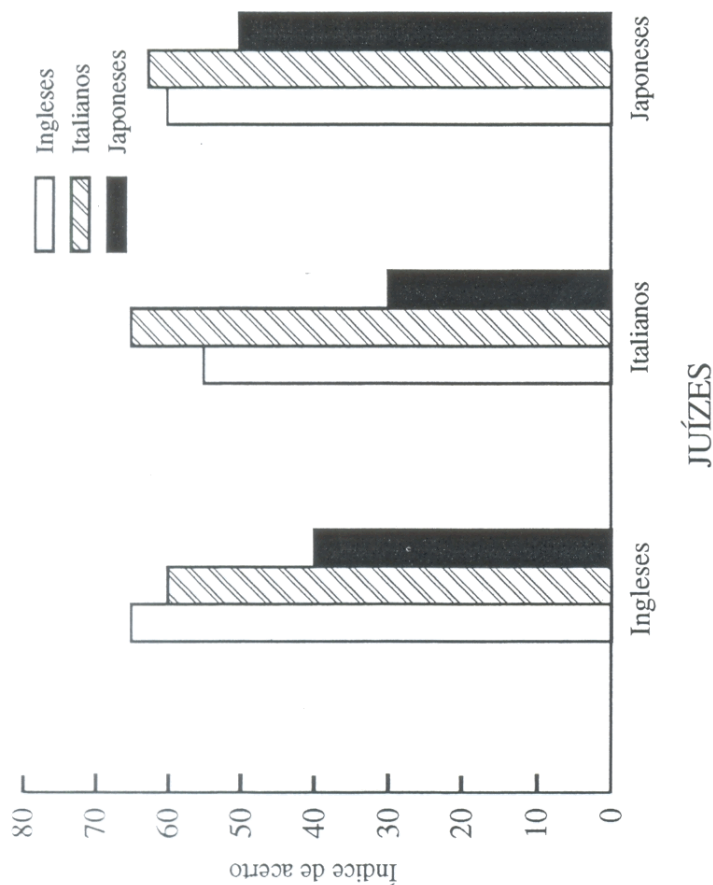


Figura 4.13 Precisão do reconhecimento de expressões emocionais posadas por ingleses, italianos e japoneses, por juizes destas mesmas culturas. (Fonte: Shimoda et al., 1978)

membro de uma cultura de tipo reservado. A reserva pode ser lida como um sinal de rejeição.

Brasileiros, americanos, japoneses e nativos da Nova Guiné expressam as emoções básicas com as mesmas expressões, mas as regras de exibição, que determinam quando, como, e em relação a quem uma expressão emocional deve ser exibida, podem variar de cultura para cultura (Figura 4.12).

As regras de exibição caem em quatro categorias gerais: a) intensificação de certas exibições emocionais, por exemplo, quando a pessoa recebe um presente do qual não gosta especialmente, mas intensifica o contentamento demonstrado, porque é

Japoneses e americanos foram filmados, sem seu conhecimento, enquanto assistiam a um filme desagradável, mostrando uma cirurgia bastante impressionante. Quando se encontravam sozinhos, todos exibiram expressões de nojo. Na presença do pesquisador, no entanto, os americanos continuaram exibindo expressões de nojo, enquanto os japoneses passaram a exibir sorriso. Esta pesquisa elucidada, experimentalmente, a quarta categoria de regras de exibição descrita acima, mostrando dissimulação da emoção de nojo, substituindo-a pela expressão de alegria (Ekman, 1975).

Determinou-se a precisão da decodificação de diferentes expressões emocionais, posadas por ingleses, italianos e japoneses, por juizes destas mesmas culturas (Figura 4.13). Os juizes ingleses e italianos saíram-se melhor no julgamento das expressões exibidas por pessoas da sua própria cultura, embora também se saíssem bem entre eles. A face dos orientais, no entanto, mostrou-se bastante inescrutável. É interessante notar que, embora os juizes japoneses tenham se saído melhor na leitura da face oriental que os ocidentais, também foi mais fácil para eles a leitura da face dos ocidentais que dos próprios orientais (Shimoda et al., 1978).

Os japoneses têm uma regra de exibição de não manifestar emoções negativas. O sorriso "amarelo" é usado como uma máscara e pode expressar reserva ou embaraço. Uma razão para não exibir emoções negativas é não se tornar vulnerável para os outros.

As expressões faciais podem ter diferentes efeitos em diferentes culturas. Verificou-se que crianças america-

nas retribuía muito mais que as israelenses, quando uma experiente sorria para elas, numa situação lúdica. As crianças foram classificadas como sorridentes, se retribuíssem 2/3 ou mais das expressões que lhes eram dirigidas, e como não-sorridentes, se retribuíssem 1/3 ou menos. Com base nestes resultados, foram organizados pares de nomes de crianças expressivas e de não-expressivas, em cada grupo. Pedia-se, então, às professoras que assinalassem o nome da mais competente socialmente em cada par. Elas ignoravam que o objetivo do estudo era investigar a relação entre expressividade e competência social. Digia-se simplesmente que as observações de comportamento social haviam sido completadas e que se queria obter avaliações comparativas da professora. Elas imaginavam que os nomes tivessem sido pareados aleatoriamente. Inicialmente, o estudo foi realizado com 1.000 crianças americanas e israelenses, que formavam classes de segunda e de terceira série do primeiro grau. As professoras americanas avaliaram as crianças sorridentes como mais competentes socialmente e mais bem ajustadas que as não-sorridentes. Na amostra israelense, esta relação não foi encontrada. De fato, as professoras israelenses apresentaram uma ligeira tendência no sentido de identificar as crianças não-sorridentes como mais competentes socialmente que as sorridentes. Podemos concluir que sorrir é normativo nos Estados Unidos e que a falta de concordância com a norma tem consequências sociais. Em Israel, não é normativo, de tal modo que sorrir ou não independe de julgamentos de competência social (Alexander e Babad, 1981; Babad et al., 1983).

Numa replicação do estudo original, foram incluídos pré-escolares na amostra. Replicou-se o resultado básico de maior responsividade das crianças americanas em comparação com as israelenses. As diferenças nas taxas de retorno do sorriso apareceram por volta dos três anos. Por outro lado, as crianças sorridentes foram percebidas como socialmente mais competentes que as não-sorridentes nos dois países. Pode-se pensar que, nos primeiros anos, o ajustamento social é uma tarefa básica do desenvolvimento, e que o sorriso pode ser um indicador claro e simples para a professora de que a criança está interagindo com sucesso com os outros. Já na idade escolar, os julgamentos de competência social da professora acompanham o comportamento modal de cada país. A criança que segue as práticas culturais é vista como melhor ajustada socialmente.

Desenvolvimento da utilização de regras de exibição

Com a socialização, as crianças aprendem a monitorar e a regular o seu comportamento expressivo. Não apenas reagem às situações em que se encontram e às emoções que sentem, como começam a avaliar o contexto interpessoal associado à situação eliciadora da emoção, e a monitorar seu comportamento expressivo de acordo com esta avaliação. A regulação das experiências afetivas é realizada através da aprendizagem de regras de exibição, que governam a adequação do comportamento expressivo determinada pela cultura particular.

Carolyn Saarni (1979, 1984), do Departamento de Psicologia Educacio-

nal da Universidade de Nova Iorque, estudou o processo de desenvolvimento da compreensão e utilização de regras de exibição. O procedimento básico consistiu em dar um presente indesejado (um brinquedo de bebê) a uma criança, pela sua participação no experimento, e verificar a reação provocada. Entre seis e dez anos, diminuiu a frequência de exibição de afeto negativo, com as meninas mais velhas apresentando maior controle e os meninos mais novos, menor controle. As crianças também deviam escolher a expressão facial mais adequada para o último quadro, de uma série de episódios em quadros. Os episódios ilustravam várias situações de conflito. Numa delas, por exemplo, um menino gabava-se da sua habilidade para andar de skate, exibindo-se para outro e acabava caindo em seguida. Em outro, era representada a própria situação de ganhar um presente indesejado, para a qual haviam sido feitas observações naturalísticas. Com o aumento da idade, as crianças apresentavam uma tendência crescente para não escolher a face correspondente à emoção realmente sentida. As razões dadas para isto foram: a) *evitar problemas piores*, por exemplo, "Se ele mostrar que está assustado, vão bater nele com certeza" (44%); b) *manter a auto-estima*, por exemplo, "Ele seria muito estúpido em mostrar que doeu, depois de alardear o quanto era bom" (30%); c) *não ferir os sentimentos de outra pessoa*, por exemplo, "Ele não iria querer magoar a tia" (19%); d) *educação*, por exemplo, "Não é bem educado mostrar o que ele sente" (8%).

Num prosseguimento desta linha de pesquisa, foram incluídas crianças menores. Verificou-se que crianças de

quatro anos já eram capazes de exercer controle sobre a exibição de emoções negativas, numa situação moderadamente negativa. Exibiam expressões positivas apesar de receberem um presente desapontador. É interessante notar a existência de diferenças sexuais marcantes. As meninas sorriam mais que os meninos na situação de desapontamento. De fato, as meninas sorriam igualmente, quer o presente fosse desejado, quer indesejado. Os meninos, por sua vez, sorriam tanto quanto as meninas, quando recebiam um presente desejado, mas menos que elas quando o presente era indesejado (Cole, 1986).

Quando terminei de escrever o parágrafo anterior, lembrei-me de uma cena que havia visto na televisão, mostrando o desfile de 7 de setembro de 1992, em Brasília, praticamente na véspera do *impeachment*. Quando apareceram no palanque, o presidente Collor e a primeira dama foram saudados com uma ruidosa vaia. O sorriso largo com que dona Rosane reagiu às vaia contrastou, marcadamente, com a seriedade da face do marido. Este episódio faz sentido, em função do que se conhece sobre diferenças de gênero em movimentos expressivos. Certamente o sorriso de dona Rosane não refletia alegria genuína. Voltarei novamente a esta questão nos capítulos "Boicote ao sorriso: a solução proposta pelas feministas" e "Verdadeiro e falso".